

Análise dos discursos de DS do BCSD Portugal e BCSD Brasil à luz de Derrida

ROBSON MALACARNE*

* IFES – Instituto Federal do Espírito Santo, Doutor em Administração.

Introdução

A despeito do reconhecimento da finitude dos recursos naturais, e do fato de que vários debates e propostas foram elaboradas para responder às metas de uma sociedade que se pretende orientar pela lógica do Desenvolvimento Sustentável – DS, que respeite os limites do meio ambiente e consiga articular de maneira mais equilibrada as demandas sociais com o crescimento econômico, os avanços neste campo são ainda cercados de muito ceticismo. Assim, ao analisar este impasse, Lima (2003) afirma que as interpretações de DS são influenciadas por duas grandes matrizes, o *discurso oficial* e o *discurso não oficial*. A matriz oficial é defensora da articulação entre conservação ambiental e crescimento econômico e compreende que o modelo de desenvolvimento capitalista é capaz de conciliar o aumento da produção industrial com a preservação do meio ambiente. A matriz não oficial, por sua vez, busca articular a dimensão individual e social em torno da temática da sustentabilidade a partir do fortalecimento da democracia e da participação da sociedade civil na definição de estratégias de ação que colaborem para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável. Considerando essas duas matrizes, este trabalho busca dar visibilidade para o discurso não oficial de DS, que se desenvolve na margem do discurso oficial da instituição, e considera aspectos como "as desigualdades sociais e políticas" na busca pela sustentabilidade (LIMA, 2003, p.108-109).

Diante deste cenário discursivo, Vinha (2010) destaca a atuação das instituições internacionais e organizações multilaterais na recomendação e cobrança para que as empresas implantem sistemas de gestão ambiental com o intuito de diminuir o impacto ambiental de seus negócios. Entre essas organizações, Stone (2005) discute a emergência e atuação de um ator relevante, os *Thinks Tanks*, que são grupos que buscam influenciar os governos e as empresas a adotar ações que estimulam determinados comportamentos e procedimentos, como por exemplo, os programas e ações de sustentabilidade. No que se refere ao ambiente empresarial estes organismos procuram estimular práticas de negócios que integrem a eficiência econômica e a eficiência ecológica, aliado a isso, se propõe um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelas empresas para atingir tal propósito.

Neste sentido, este ensaio se desenvolve a partir da desconstrução/tradução de Derrida, essa análise possibilita discutir a relação entre empresas e sociedade na busca por um modelo de gestão socioambientalmente responsável. O que se questiona é se os discursos

disseminados pelo WBCSD permitem a contínua interpretação de conceitos, ou se atuam na busca por discursos definitivos, que encerram as possibilidades de novas interpretações.

1. A compreensão dos discursos dos *Think Tanks* à luz da desconstrução

À medida que se rasuram os discursos dos Think Tanks por meio da leitura derridiana busca-se desestabilizar as referências do discurso oficial do WBCSD, de tal modo que se reconhecem os pensamentos que permeiam o processo de tradução do DS no ambiente empresarial. Assume-se que, no caminho rumo ao DS, há uma diversidade de atores que traduzem e traçam o conceito, propondo alternativas de interpretação neste percurso.

Ao ler esta metáfora dos Think Tanks à luz da desconstrução, assume-se a complexidade dessas relações, principalmente no que tange à capacidade das empresas em lidar com estes atores e desenvolver modos de responder aos impactos sociais e ambientais inerentes ao seu negócio. No entanto, a divisão entre interno e externo à empresa, nesta temática da sustentabilidade, não é facilmente delimitado, o que se percebe são as marcas da indecibilidade e do double bind, em um "abre e fecha" de comunicações, em que a ilusão do controle das fronteiras é disseminado (DERRIDA, 1999, p. 107). Assim, oposições entre questões intrínsecas ao negócio e externalidades ambientais e sociais são desfeitas e deslocadas ao ponto de gerar implicações políticas no modo como as instituições se articulam.

A partir destas constatações, Culler (1997, p. 205) procura refletir sobre as implicações da inversão das oposições hierárquicas "na estrutura sobre a qual as instituições se têm apoiado". No caso dos discursos sobre DS, isso se revela, por exemplo, através de discursos que dividem as iniciativas de desenvolvimento, em dois tipos de atividades, uma voltada para pensar as diretrizes de longo prazo e outra focada no desenvolvimento de ações de curto prazo. Nesse sentido, ao se reconhecerem estes conceitos e oposições nas instituições, Derrida identifica uma aporia, um impasse entre os discursos ou práticas dessa desconstrução imediatamente política e uma desconstrução de aspecto teórico ou filosófico. Busca-se, neste sentido, por meio da inversão e do deslocamento, analisar essa lacuna, entre esse trabalho sobre a instituição e a versão da desconstrução filosófica ou teórica (CULLER, 1997, p. 182).

Reconhece-se que um dos eventos que provocam esta aporia, entre a filosofia e a política, é a impossibilidade e a necessidade de relação com o outro, por meio da singularidade e do imprevisto, próprios da tradução como hospitalidade, acolhimento e acontecimento (SISCAR, 2012, p. 101). O que se busca, no entanto, é uma resposta prática

desta filosofia, uma imediata aplicação política da desconstrução, o desenvolvimento de um método, de um modelo que sirva de referência para a tomada de decisões diante deste impasse, que assume como relação dicotômica o pensar e o agir. Todavia, "a experiência é então o método, não um sistema de regras ou de normas técnicas para supervisionar uma experimentação, mas o caminho que se está fazendo, o trilhamento da rota" (DERRIDA, 2004, p. 332), ou seja, a desconstrução não se apresenta como um modelo para a ação, mas como a experiência que possibilita deslocar a dicotomia entre a filosofia e a política, por meio da abertura e do reconhecimento das diversas traduções e rasuras que se revelam no caminho. Assim, o pensamento deste ato político se apresenta como pensamento da *différance*, do contorno e dos limites que se desenvolve nesta relação (DERRIDA, 2009, p. 97).

Esse trajeto não é fruto da decisão, do juízo, da inteligibilidade, do desejo, do interesse e do pensamento do "ser humano", do que se denomina "sujeito", mas o caminho é traçado por meio do acontecimento, do evento que se assume como suplemento, na busca pela "verdade" constatativa (BADIOU, 1994), no desenvolvimento da tradução. A compreensão do sujeito na leitura desconstrutiva, portanto, é descentrada e deslocada, de modo a evitar o fechamento do discurso, a clausura que foca e diminui as alternativas da travessia, e busca defini-las por meio de referências de interpretação (SIM, 2008, p. 12). Abre-se, portanto, à alteridade, ao imprevisto, a "inesperada vinda do outro" (DUQUE-ESTRADA, 2005, p. 255), marcada por rastros e interpretações. Todavia, no que tange à discussão da DS, esta aporia possibilita reconhecer os diversos discursos do caminho como traduções, leituras deste campo discursivo, a serem analisadas com intuito de compreender a complexidade da temática.

Desse modo, as instituições, nesta discussão, são compreendidas além das "paredes, estruturas exteriores que cercam, protegem, garantem ou restringem a liberdade do (...) trabalho", o que se assume é que a instituição "é também, e já, a estrutura de nossa interpretação", que se traduz por meio de um pensamento político que acontece na lógica do evento, do acontecimento e do porvir (DERRIDA, 1999, p. 103-108). Observa-se, portanto, uma oportunidade de mudança das estruturas das instituições a partir da desconstrução, como força teórica, e uma reação conservadora do processo de institucionalização, que busca consolidar pressupostos e normatizar princípios. Discute-se que o processo de desconstrução possibilita analisar os sentidos das instituições modernas na "legitimação, validação ou autorização" de discursos e práticas, questionando os arranjos desenvolvidos com base em hierarquias (CULLER, 1997).

Para sustentar tal argumento Culler (1997) investiga as inversões propostas por Freud e o conflito com as instituições da psicanálise e as implicações institucionais da distinção entre leitura e desleitura. No que se refere a Freud, Culler (1997) considera as reflexões do autor como um exemplo de desconstrução de oposições hierárquicas, cita-se o caso do deslocamento da dicotomia consciente e inconsciente, que abre oportunidade para duas interpretações. Na primeira, assume-se o papel do inconsciente na definição das ações do ser consciente, no entanto, compreende-se o inconsciente como uma realidade oculta reprimida que pode ser revelada por uma consciência superior. Na segunda interpretação entende-se o inconsciente como produto complexo e diferencial. Neste sentido o inconsciente assume o papel de iniciar a repressão e de reprimir a realidade neste processo, ou seja, "ele é constituído pela repressão e é, também, o agente ativo da repressão" (CULLER, 1997).

Essa compreensão de Freud gera implicações para as instituições pois o seu "poder" está na capacidade de deslocar, de inverter oposições hierárquicas, e as instituições da psicanálise vêm assumindo uma posição conservadora com relação a essa postura, na medida em que buscam estabilizar este questionamento por meio da normatização de princípios e pressupostos (CULLER, 1997). Assim, Culler (1997) reconhece outra oposição hierárquica que gera implicações institucionais, trata-se da leitura e da desleitura, também conhecida como entendimento e desentendimento. Nessa discussão questiona-se sob quais condições é determinada a compreensão de um texto como a mais coerente, a que representa o melhor entendimento do seu sentido, e que pode ser considerada a leitura válida.

A inversão que se propõe neste caso assume que todas as leituras são desleituras, ou seja, são interpretações válidas que devem ser valorizadas no processo de entendimento do texto. Essa compreensão gera implicações institucionais, na medida em que se problematiza a capacidade de legitimar, validar e determinar qual é a interpretação mais coerente diante de certa realidade. Tal discussão demonstra que a adoção da desconstrução de Derrida na análise das Instituições pode favorecer uma interpretação alternativa à dicotomia, que define os comportamentos do sujeito ecológico e do sujeito não ecológico, abrindo espaço para o surgimento de outras perspectivas, que se desenvolvem à margem do Discurso Oficial das Empresas e consideram as "estruturas políticas e institucionais" (DERRIDA, 1999, p. 108) que permeiam a discussão de DS. No caso específico do WBCSD, objeto deste estudo, a análise à luz da desconstrução de Derrida possibilita compreender como é a atuação dessa instituição no processo de tradução do DS no ambiente empresarial.

O WBCSD é um fórum constituído de Conselhos Empresariais Nacionais e Regionais,

com o objetivo de discutir a visão do segmento sobre DS. Nesse sentido, o BCSD Brasil e o BSCD Portugal são Conselhos Nacionais que realizam Ações e Iniciativas com o intuito de preparar os empresários para agir de acordo com a Visão de DS discutida pelo WBCSD.

No entanto, ao compreender essas ações e iniciativas à luz de Derrida, entende-se que a trajetória é acompanhada por entendimentos diversos sobre o Discurso Oficial de DS, na medida em que as oposições hierárquicas que servem de base para sua disseminação são desestabilizadas pelas desleituras das pessoas participantes no processo. Essas desleituras são compreendidas por Derrida como experiências de aporia, incertezas, lacunas no processo de disseminação da Visão de DS do WBCSD.

Os Empresários que participam das ações e iniciativas educacionais, promovidas pelos Conselhos Nacionais, são estimulados a implantar os discursos e práticas apreendidas em suas empresas, como um modo de pensar e agir que responde à demanda da sociedade por uma gestão mais sustentável. Os sujeitos envolvidos nesse processo vivem uma experiência de disseminação, na qual interpretam as premissas disseminadas pelos Conselhos Nacionais com as leituras realizadas no cotidiano das suas organizações. Para Derrida, essa experiência é compreendida como tradução, processo de conhecimento e leituras da realidade marcada por vários traços, na qual se percebe um "inacabamento constitutivo", que proporciona uma contínua e inacabada interpretação dos discursos (SISCAR, 2012, p. 59).

Assim, para compreender, à luz de Derrida, a atuação do BCSD Brasil e BCSD Portugal neste processo de tradução, além de inverter a oposição hierárquica que sustenta o Discurso Oficial do WBCSD (representada pela Visão sobre DS disseminada em seus documentos, discursos, ações e iniciativas), faz-se necessário analisar o processo de deslocamento dessa inversão, que ocorre por meio da inserção de marcas, rasuras, pontos indecidíveis no desenvolvimento dos textos. Esses pontos desestabilizam os discurso, as práticas e os textos oficiais, de modo a abrir espaço para outras interpretações e experiências de significação, por meio do que Derrida denomina différance.

A différance se revela nas experiências de aporias e significação vividas pelos empresários que participam das ações e iniciativas promovidas pelos Conselhos Nacionais e Regionais do WBCSD. Assim a desconstrução representa um modo de compreender as relações políticas e institucionais que perpassam o processo de tradução a partir da margem, do que se desloca do centro dos discursos e práticas oficiais. A experiência de aporia, portanto, significa o momento vivido pelos empresários no qual há uma desestabilização de referências, a ausência de um centro que estabilize o jogo, o que gera implicações nas

oposições hierárquicas que sustentam os discursos e práticas das instituições. A análise desse processo, possibilitou compreender a atuação do BCSD Brasil e BCSD Portugal considerando todas as desleituras como interpretações válidas.

Deste modo, considerando que as instituições Think Tanks exercem um papel de tradutores da lógica do DS, que transitam entre os espaços da empresa, da sociedade civil e de governos, cabe compreender em que medida sua atuação se aproxima ou distancia dos discursos oficiais e não oficiais. No caso da presente pesquisa, é o estudo dos conceitos e oposições presentes no discurso do WBCSD sobre o DS que possibilitará esta análise. Em que direção caminham estes discursos?

2. Percurso Analítico

Optar pela proposta de desconstrução de Derrida enquanto percurso analítico significa assumir uma postura metodológica que favoreça a compreensão dos discursos do WBCSD enquanto espaços de traduções e ambiguidades (Cooper; Burrel, 1988). Descontrução "é um modo de tomar posição, em seus trabalhos de análise, no que diz respeito às estruturas políticas e institucionais que constituem e regulam nossas práticas, nossas competências e nossos desempenhos" (Derrida, 1999, p.108). Nesta pesquisa, isso significa estudar os discursos de modo a identificar os conceitos e as estruturas políticas e institucionais do WBCSD reveladas pelas narrativas e documentos oficiais, que, em última instância, servem de referência para as práticas e competências desenvolvidas pela entidade.

A desconstrução do texto foi realizada pelo deslocamento das posições dicotômicas que sustentam o discurso da entidade WBCSD. Essas estruturas podem assumir uma forma constatativa (teórica) e performativa (prática) no cotidiano das organizações, não de maneira dicotômica, mas sob uma perspectiva de indecidibilidade. Sendo difíceis de delimitar, seu desenvolvimento é marcado por lacunas e ambiguidades. Neste sentido, qualquer dicotomia entre teoria e prática não passa de mera "imposição metafísica e ideológica" (Culler, 1997 p.172). Assim, a desconstrução permite observar a tônica logocêntrica ou não dos discursos; isto é, se há ou não uma tentativa de controlar as interpretações e traduções dos sujeitos sobre sustentabilidade no ambiente empresarial. Isto implica olhar os argumentos dos entrevistados e dos documentos de modo a perceber o que é, e o que não é, marginal na elaboração de conceitos e funcionamento dos conselhos (Derrida, 1978).

Assim, para conduzir o estudo, procedeu-se a uma série de visitas *in loco* nestas instituições, Brasileira e Portuguesa, e conduziu-se a um conjunto de entrevistas em

profundidade. Foram entrevistados três Associados do BCSD Portugal, denominados nesta pesquisa como Associado P. No CEBDS, Brasil, foram entrevistados Associados, denominados como Associado B. O caminho analítico da pesquisa considera as configurações textuais do processo de desconstrução de Derrida: logocentrismo, estruturas constatativas e performativas e tradução.

Configuração Textual	**Discussão de Derrida:**	**Como foi desenvolvido no artigo?**
Logocentrismo	Pensamento desenvolvido com base em oposições, na qual se cria relações hierárquicas entre termos, instituições e conceitos, servindo de referência para interpretações e traduções, com o intuito de controlar e centralizar os discursos (DERRIDA, 1973).	Procurou-se identificar os *conceitos, oposições do discurso* do WBCSD. O intuito foi compreender como o logocentrismo se dissemina nos discursos dos Conselhos Empresariais.
Estruturas constatativas e performativas	São pontos focais do percurso da desconstrução para desfazer as oposições de um discurso logocêntrico. Neste caminho, a partir de um impasse, de uma aporia, realiza-se a inversão da dicotomia que sustenta o discurso oficial para posteriormente deslocá-la e utilizá-la no argumento com uma condição diferente.	Buscou-se observar como a dicotomia entre estruturas performativas e constatativas se revelam e justificam o discurso oficial do WBCSD e de seus conselhos regionais.
Tradução	Relação que se estabelece entre as configurações textuais na qual não se consegue definir origem e término dos discursos, marcados pelo processo de *double bind*, de indecidibilidade e ambiguidades. Assim a tradução é outro nome para desconstrução, é a hospitalidade, que envolve este caminho, "é a abertura ao outro, na sua estranheza", no seu modo singular de traduzir, sem condições (BERNARDO, 2002, p.424).	Na presente pesquisa, essa tradução implica em olhar os argumentos dos entrevistados e dos documentos de modo a perceber o que é, e o que não é, marginal na elaboração de conceitos e funcionamento dos conselhos.

Quadro 1: Configurações Textuais
Fonte: Autor a partir da discussão de Derrida.

São estes os elementos-chave que nortearam a análise dos discursos e das ações do WBCSD a partir do discurso oficial e não oficial. Assim, inicialmente identificaram-se os conceitos, práticas e oposições revelados nos discursos de DS, o que permitiu reconhecer as ambiguidades do discurso oficial e não oficial do WBCSD. Todo este percurso analítico permitiu compreender se os discursos do WBCSD em direção ao DS abriu espaço para outras interpretações ou se o seu objetivo foi desenvolver um discurso definitivo, logocêntrico, de sustentabilidade empresarial.

3. Traduções e Rasuras do DS por meio do Projeto Visão 2050 e da Ação 2020

O discurso do WBCSD a partir de 2010 foi influenciado pelo projeto Visão 2050, a sua elaboração foi precedida por workshops e pela interferência direta de 29 empresas associadas. Este processo foi marcado por traduções, transformações e rasuras no conceito de DS, na medida em que se propôs desenvolver um instrumento para guiar as ações de sustentabilidade empresarial.

Por meio desse documento, o WBCSD busca pautar as discussões em torno do DS, destacando a importância da ação integrada entre governos, empresas e sociedade civil para alcançar a visão 2050 descrita abaixo:

> *Em 2050, cerca de 9 milhões de pessoas vivem bem, respeitando os imites do planeta. A população mundial começou a estabilizar, principalmente a educação e a emancipação econômica das mulheres e ao aumento da urbanização. Mais de 6 milhões de pessoas, dois terços da população vivem em cidade. As pessoas dispõem de meios para fazer face às suas necessidades humanas básicas, incluindo a necessidade de uma vida digna e de um papel significativo nas suas comunidade (Visão 2050, p. 5)*

Ao se analisar a publicação, buscou-se destacar as configurações textuais (conceitos, instituições, metáforas e oposições) que sustentam o discurso sobre DS do WBCSD, o intuito foi compreender como os agentes são envolvidos por esses discursos e observar as traduções que ocorrem neste processo. Abaixo algumas destas configurações textuais são expostas e discutidas:

1- Este relatório estabelece uma plataforma para o diálogo, para o levantamento das questões. (Visão 2050, contracapa)	2 - As empresas terão que fazer o que fazem melhor: inovar, adaptar, colaborar e executar. (Visão 2050, mensagem co-promotores)
3 – Fazer mais com menos, criar valor, prosperar, e melhorar as condições humanas. (Visão 2050, mensagem co-promotores)	4 - Um caminho é um conjunto de referências que ilustram a transição para um determinado cenário, neste caso para a visão 2050 (Visão 2050, p. 10)

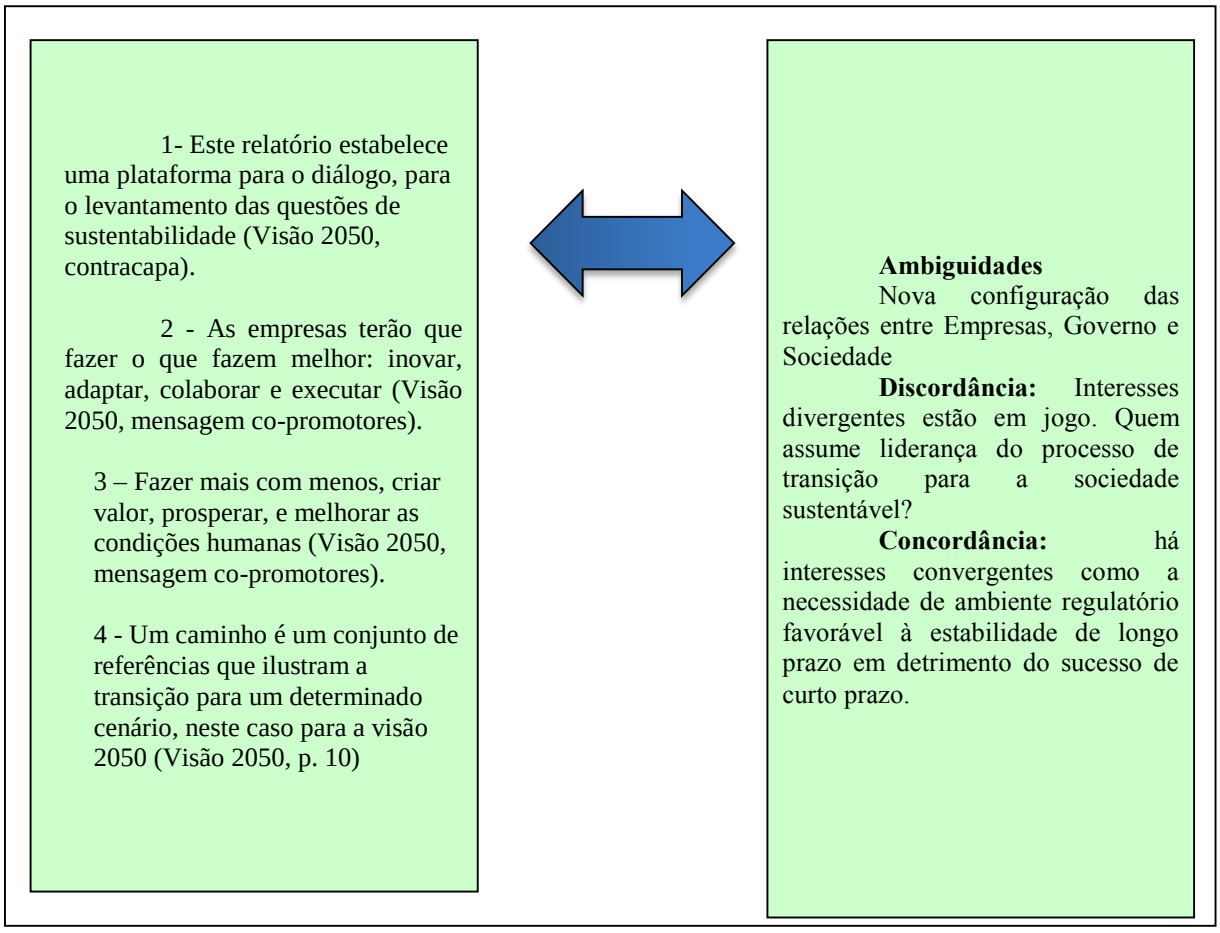
Quadro 2: Conceitos 1,2,3,4.
Fonte: Documento Visão 2050

Como visto, os conceitos expostos buscam estabelecer um caminho para a realização do Visão 2050, ao definir que as características principais a serem assumidas pelas empresas, neste campo de discurso, deve perpassar pela capacidade de "inovar, adaptar, colaborar e

executar" (Visão 2050, contracapa), de modo a estarem preparadas para responder as questões complexas da temática, tais como:

1. Como é um mundo sustentável?
2. Como o podemos concretizar?
3. Que papéis podem as empresas desempenhar para promover uma evolução mais rápida para este mundo? (Visão 2050, contracapa)

Como citado no documento, esta "governação" de interesses a favor do DS reconhece no segmento empresarial condições privilegiadas para assumir a liderança neste processo, já que o que se busca como prática é "fazer mais com menos, criar valor, prosperar, e melhorar as condições humanas" (Visão 2050, mensagem co-promotores). Destaca-se que o documento visa, além de influenciar ações, projetos e investimentos, direcionar pensamentos, como revelado pelo Associado B2: "O Visão 2050 influencia ações e projetos, direcionamento de investimentos e pensamentos". Esses conceitos a respeito do caminho para o DS se desenvolvem a partir de sua relação com uma definição que se manifesta como ambiguidade, que orienta, centraliza e procura guiar as ações no campo da sustentabilidade empresarial, conforme a figura a seguir:



Quadro 2: Ambiguidades na relação entre empresas, governo e sociedade.
Fonte: Documento Visão 2050 e análise dos dados.

O termo "ambiguidades", como propõe Derrida, representa bem a relação que se revela neste discurso entre empresas, governos e sociedade, há uma disseminação de sentidos, fazendo com que, em determinados acontecimentos, ocorra uma concordância no discurso, e em outros eventos, se vivencie divergências, lacunas e aporias nesta comunicação. Assim, na medida em que a proposta do WBCSD é tornar o relatório uma "plataforma para o diálogo", pode-se observar ambiguidades desta relação em todo o texto do documento 2050, principalmente no que tange aos interesses dos atores nas nove áreas de atuação definidas no documento, conforme exposto abaixo:

Valores das pessoas	Desenvolvimento humano	Economia	Agricultura	Florestas
Edifícios	Mobilidade	Materiais	Energia e potência	

Quadro 3: Áreas de atuação.
Fonte: Documento Visão 2050, p. 12 e p. 13.

A ambiguidade revelada na relação entre empresas, governos e sociedade é definida pelo WBCSD como dilemas, questões difíceis que precisam ser respondidas na busca de

caminhos para o DS. Estas questões apresentam-se como elementos desestabilizadores na medida em que abrem campos discursivos, oportunizam caminhos e provocam o leitor do documento Visão 2050 a pensar sobre os modos de realizar as mudanças no plano econômico, social e ambiental. Ainda assim, estas perguntas, paradoxalmente, também assumem o sentido de concentrar e definir a discussão, quando fecham os questionamentos a estes temas, buscando direcionar o modo de pensar dos atores envolvidos no percurso. Há neste propósito a prática da ilusão do controle, quando se acredita poder cercar as interpretações e traduções por meio de referências de sentido, questões difíceis e dilemas. Os dilemas revelam questões relacionadas à liderança do caminho rumo aos objetivos do Visão 2050, propõe-se que as respostas precisam ser encontradas por meio da colaboração entre os atores, no entanto, quem definirá os incentivos e os modos para este diálogo? Esta questão é discutida no próprio documento e relatada também pelo Associado B1 e P1, ao analisar os principais riscos na busca deste consenso, que em sua opinião.

> *[...] centram-se na incapacidade que os estados-chave têm de concordar quanto ao funcionamento deste sistema. O mundo pode vir a ficar mais fragmentado, incapaz de chegar a um acordo quanto às mudanças a realizar ou à forma de geri-las (Associado B1).*
>
> *O Visão 2050 não representou grandes avanços, penso que ele representa uma utopia que não vai sair do papel, já que ele depende da boa vontade e envolvimento do governo. E principalmente exige uma mudança radical das práticas dos atores envolvidos, algo que, ao meu ver, não vai acontecer (Associado P1).*

O propósito do WBCSD durante o caminho do Visão 2050 é produzir um discurso que mobilize e engaje as empresas, governos e sociedade na discussão do DS. Há neste percurso, portanto, traduções e rasuras que se manifestam como produção de sentido, na busca por definir o papel de cada ator neste processo, no qual é possível observar momentos de abertura e situações de fechamento do discurso. A abertura ocorre quando propõe-se o diálogo como modo de buscar soluções, no intuito de se refletir sobre alternativas para responder as questões complexas relacionadas à temática. O fechamento do discurso a outras possibilidades e definições de caminhos, por sua vez, acontece com base na oposição entre acordos e disseminações. Essa dicotomia é utilizada pelo WBCSD para classificar posturas que facilitam ou dificultam a busca do cenário traçado por meio do Visão 2050.

Não se questiona neste texto a importância do Visão 2050 para o WBCSD, no entanto, demonstra-se o paradoxo da escolha, que se realiza no processo de busca pelo DS, ao assumir caraterísticas de abertura a práticas sustentáveis pelo setor empresarial, e ao mesmo tempo, ser uma ação que pode limitar as possibilidades de novas traduções, quando se busca fechar as

discussões em uma perspectiva, que focam as ações no curto prazo e em alguns setores específicos, como exposto nos fragmentos abaixo:

> *O Visão 2050 é fundamental pois representa um compromisso das empresas com o futuro sustentável, o 2020 já sinaliza quais as ações devem ser desenvolvidas para alcançar este futuro. No entanto, a partir do momento em que se escolhem e definem nove focos a serem priorizadas na ação, acaba-se por limitar a participação de determinadas áreas na discussão. Assim vive-se um paradoxo, ao mesmo tempo que ter uma visão de futuro é fundamental para guiar as ações, essa escolha acaba por limitar a participação de certos setores na discussão (Associado P2).*
>
> *A dificuldade do empresário ao lidar com a sustentabilidade relaciona-se à cobrança de respostas no curto prazo, espera-se e se direciona o tempo do trabalho para a busca de metas em uma perspectiva de 2 anos, quando o alcance destes objetivos, de maneira sustentável, só é possível em uma perspectiva de 10 a 15 anos (Associado B2).*

Observa-se, portanto, que o alcance do cenário proposto no Visão 2050 pressupõe o seguimento de um caminho, de um conjunto de referências para guiar as ações dos atores, essa bússola pretende fixar uma maneira de compreender as singularidades da questão socioambiental, já que se busca a definição de acordos e estratégias de ação para responder as questões de sustentabilidade. O que se vê é a ilusão do controle dos sentidos neste trajeto de traduções e rasuras (DERRIDA, 1973). Concomitantemente, o caminho, quando compreendido como disseminação, se transforma em jogo de significações, em pharmakon, em leitura que se assume como processo de produção de sentidos. Assim, a transição para um determinado cenário perde o seu foco e se desloca, produzindo outros acontecimentos, outras leituras sobre o caminho para o DS. Reconhecendo estes dilemas, paradoxos, aporias, lacunas, traços e rasuras no desenvolvimento do projeto Visão 2050, observa-se que a oposição Acordo e Disseminação é deslocada, abrindo-se a outros discursos. A diversidade de opiniões, interesses e práticas quando interpretada a partir desta outra leitura, não é compreendida como risco para a promoção de um futuro sustentável, mas sim como algo que se revela no processo de tradução do DS, neste acontecimento, e no próprio desenvolvimento e transformação destes conceitos.

Assim, compreende-se que a atuação do WBCSD como think tanke, em alguns acontecimentos, se apresenta como uma discussão de pensamento “carro blindado”, quando busca-se o discurso definitivo sobre a visão de longo prazo e as “estratégias de ação” mais adequadas para se alcançarem os objetivos traçados. Neste percurso, todavia, encontram-se posturas e aporias que abrem este discurso à colaboração de outros atores, possibilitando a sua tradução como um pensamento “cisterna”, um espaço no qual admitem-se os riscos, os

imprevistos e as múltiplas interpretações, como algo que faz parte do caminho, do percurso. Isso se revela quando se entende o Visão 2050 como uma "plataforma de diálogo" e de "levantamento de questões", postura que favorece o desenvolvimento de competências dos atores envolvidos, já que a prioridade não é o fim, mas a valorização da rede e do caminho. Nesse sentido, diante da indecidibilidade de posturas e pensamentos, observam-se modos divergentes de compreender a tradução do Visão 2050 e sua relação com o Ação 2020.

> *O documento 2050 foi apenas traduzido para o Português, já o documento 2020 foi adaptado para a nossa realidade. O visão 2050 serve de referência para ações do BCSD, está dividido em nove áreas de atuação. Em Portugal, escolheram-se seis destes nove itens para se priorizar em nossa Ação 2020. Em 2014 serão priorizadas as áreas de Desenvolvimento Social, Economia, Capital Natural, Energia, Cidades e Infraestruturas, Indústria e Materiais (Associado P3).*
>
> *O 2020 é uma ação importante, pois se identificam áreas de atuação, nas quais os empresários desenvolvem ações de maneira autônoma. Destaco a primeira área que trata do alinhamento entre as competências desenvolvidas no meio escolar e as competências exigidas pelas empresas destes profissionais (Associado B3).*

Observa-se que ao se afirmar que o documento Visão 2050 foi "apenas" traduzido para o português, ignora-se a problemática da tradução marcada por rasuras, deslocamentos e desvios, ao supor que este ato é instrumental e que a fidelidade ao texto original se mantém neste caminho. No entanto, a produção de sentidos que ocorre neste percurso é assumida quando se diz que o documento "Ação 2020 foi adaptado para a realidade", parece que reconhece-se a possibilidade de dividir e classificar os dois documentos, um voltado para subsidiar o desenvolvimento de competências constatativas (Visão 2050), e outro voltado para competências mais performativas, na qual desenvolvem-se as "ações" (Ação 2020).

Com essa postura de dividir os momentos, os tempos de desenvolvimento das competências, assume-se a ilusão do controle do comportamento e das interpretações das pessoas (logocentrismo). Todavia, ao entender que a linguagem impede esta divisão entre competência constatativa e performativa, compreende-se que o acontecimento da tradução do Visão 2050 já se caracteriza como um ato performativo, na medida em que os conceitos já são rasurados durante a leitura, no processo de pensar e questionar sobre as melhores formas de a empresa agir para alcançar o DS. Assim, esta indecibilidade entre os tempos, entre a leitura constatativa e o agir performativo, se faz presente como rasura nas iniciativas do Ação 2020 possibilitando estranhamentos, situações de aporia, na qual a oposição entre acordo e disseminação é deslocada, sendo utilizada nos argumentos de modo diferente.

7- Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi discutir os conceitos e oposições que sustentam o discurso de DS do WBCSD, buscou-se compreender e destacar as dificuldades, impasses e lacunas deste percurso, reconhecendo as diversas leituras e desleituras de modo a discutir as possibilidades para emergência de novos discursos e práticas. Para isso, discutiu-se contribuição do WBCSD na orientação das empresas que buscam responder as demandas por uma gestão corporativa sustentável. Na medida em que se compreende esse percurso à luz da desconstrução, busca-se analisar as aporias, as lacunas neste processo de tradução da ideia do DS para o ambiente empresarial.

Ao mesmo tempo que o WBCSD assume em seus discursos e práticas o propósito de estimular as empresas a participarem do processo de DS, defendendo a governança corporativa e envolvimento de vários atores na discussão de soluções para a questão ambiental (ABRAMOVAY, 2007), a entidade, em algumas situações, reduz a sua atuação ao papel de assessoria no marketing ambiental das empresas, fechando o discussão do DS a leitura realizada pelo ambiente empresarial.

O que se propõe, portanto, é que o WBCSD avance em direção a sua dupla responsabilidade diante da questão socioambiental, que envolve tanto responder a urgência de desenvolver competências nos empresários para lidar com a crise ambiental, mas também exige o compromisso com o porvir, com a ação efetiva que gera benefícios para as gerações futuras. Não basta que a entidade reduza a sua atuação à resposta aos anseios das empresas associadas, que passa, na maioria das vezes pelo interesse de curto prazo, na busca pela construção de imagem de empresa sustentável, mas que não considera, necessariamente, os dilemas no processo de DS. Essa constatação exige que o WBCSD desenvolva iniciativas que provoquem os empresários a compreender como a questão socioambiental é complexa e envolve diversidade de expectativas, sendo necessário a abertura ao diálogo com os outros atores deste percurso, tais como o governo, a sociedade e a comunidade local.

Referências

BADIOU, A. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BERNARDO, F. A ética da hospitalidade ou o porvir do cosmopolitismo por vir. **Revista**

Filosófica de Coimbra, n.22, 2002.

COOPER, R; BURRELL, B. Modernism, postmodernism and organizational analysis: An Introduction. **Organization Studies,** v.9, n.1, 1988.

CULLER, J. **Sobre a Desconstrução:** teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1997.

DERRIDA, J. ; ROUDINESCO, E. **De que amanhã.** Jorge Zahar, 2004.

_____. **A Universidade sem condição.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Margens da filosofia.** São Paulo: Papirus, 1978.

_____. **O Olho da universidade.** São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. **Papel-Máquina**. Liberdade, 2004.

DUQUE-ESTRADA, P.C. Derrida e a crítica heideggeriana do humanismo. **Jacques Derrida: pensar a desconstrução.** NASCIMENTO, E. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

LIMA, G.C. O Discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade,**v.6, n 2, jul./dez. 2003.

STONE, D. **Think Tanks and Policy Advice in Countries in Transition.** 2005 Disponível em: <http://www.adbi.org/files/2005.09.dp36.think.tanks.jfppt.pdf>. Acesso em: 23 Ago.2013.

SIM, S. **Derrida e o fim da história**. Rio de Janeiro, UFJF, 2008.

SISCAR, M. **Jacques Derrida: literatura, política e tradução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

VINHA, V. G. da. As empresas e o desenvolvimento sustentável: trajetória da construção de uma convenção. In: Peter H. May. (Org.). **Economia do Meio Ambiente**. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 181-204, 2010.